

O REALISMO VELADO E O NATURALISMO EXPLICITADO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DOM CASMURRO E O BOM CRIOULO

Joyce Gomes da Silva¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) – São Paulo, SP, Brasil

Charles Borges Casemiro²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) – São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho analisa comparativamente a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e a obra *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, sobretudo o modo como se sugere a figuração das relações homoafetivas entre os personagens Bento e Escobar de *Dom Casmurro* e os personagens Amaro e Aleixo de *O Bom Crioulo* como formas literárias capazes de interpretar formas do mundo. Para tanto, busca o olhar da história e da crítica literária em torno do Realismo (Bosi, 2006; Castello, 1999; Coutinho, 2023), o olhar da análise do discurso em torno da figuração de pessoa no tempo e espaço (Candido, 2014; Fiorin, 2017), e, por fim, o olhar da história econômica e cultural (Prado Jr, 1945). A análise mostra como o velado e o explícito são motores de forma literária nas obras analisadas para revelar a forma do Brasil transmitido do século XIX para o século XX.

Palavras-chave: Realismo; Dom Casmurro; O Bom Crioulo; O velado e o explícito; Forma de mundo.

Abstract: This work analyzes comparatively the book *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, and the book *O Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha, especially, the way in it is suggested the figuration of the homoaffektive relations between the characters Bento and Escobar of *Dom Casmurro* and the characters Amaro and Aleixo of *O Bom Crioulo* as literary forms capable of interpreting forms of the world. Therefore, it seeks the look of history and literary criticism around Realism (Bosi, 2006), (Castello, 1999), Coutinho (2023), the look of discourse analysis around the figuration of person in time and space (Candido, 2014), (Fiorin, 2017), and finally, the look of the economic and cultural history (Prado Jr, 1945). The analysis shows how the veiled and the explicit are engines of literary form in the works analyzed to reveal the form of Brazil transmitted from the nineteenth century to the twentieth century.

Keywords: Realism; Dom Casmurro; O Bom Crioulo; The veiled and the explicit; World form.

¹ Discente em Licenciatura em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP-SPO). @joyce.gomes@aluno.ifsp.edu.br

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP-SPO). Doutor Letras – Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Editor da revista Metalinguagens (IFSP-SPO). @charlescasmiro@ifsp.edu.br

Introdução

A literatura brasileira, no final do século XIX, teve um momento de mudança importante na forma como os escritores pensavam e representavam o país. Eles buscavam retratar a sociedade de forma mais crítica e objetiva, se opondo à idealização romântica e focando na realidade cotidiana, com suas mazelas e conflitos humanos. Nesse contexto, surgem duas correntes literárias importantes que não apenas renovaram os modos de escrita, mas também projetaram diferentes visões de mundo: o Realismo, com a retratação do ser humano mais voltada para a análise psicológica e social, e o Naturalismo, que, influenciado pela corrente científica determinista, ampliava essa crítica, mostrando o ser humano como produto do meio, da hereditariedade e das condições sociais. Ambas retratam a sociedade de forma mais fiel, denunciando suas desigualdades e expondo os conflitos da classe burguesa, muitas vezes criticando a hipocrisia e os costumes da época.

É nesse cenário que se destacam duas obras: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. Embora as duas obras pertençam ao mesmo período histórico, elas adotam caminhos bastante diferentes na maneira como constroem seus personagens e representam a afetividade masculina. *Dom Casmurro* é um dos romances mais conhecidos de Machado de Assis e pertence ao Realismo, uma das suas principais características é a ambiguidade da narrativa pois o livro é contado inteiramente pelo ponto de vista de Bento Santiago, um narrador que tenta convencer o leitor de que foi traído por sua esposa, Capitu, com seu melhor amigo, Escobar e, ao mesmo tempo em que conta a história, ele deixa muitas dúvidas no ar, nunca apresentando provas claras do que diz, permitindo assim a possibilidade de várias interpretações. Ao longo do livro, o narrador também mostra uma relação próxima com Escobar, marcada por muita admiração, ciúmes e carinho excessivo, o que dá a possibilidade ao leitor de levantar uma hipótese de existir ali um sentimento mais profundo, talvez até homoafetivo. Porém, tudo aparece nas entrelinhas, retratado de forma muito sutil, nunca falado diretamente, de forma quase silenciosa, o que de fato deixa tudo em aberto e sem respostas concretas.

Já *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, segue a linha do Naturalismo e é considerado um dos primeiros romances brasileiros a tratar abertamente da relação amorosa entre dois homens. A narrativa gira em torno de Amaro, um negro, ex-

escravizado, apelidado como “O bom crioulo”, que tenta reconstruir sua vida ingressando na Marinha e, em um certo momento, se apaixona por Aleixo, um jovem marinheiro branco com características europeias, de traços finos, e com valores liberais. Ao longo da história eles desenvolvem um relacionamento marcado por encontros íntimos, e, o desejo de Amaro por Aleixo é mostrado como algo incontrolável, instintivo e até destrutivo, levando o personagem ao ciúme doentio, à obsessão e, por fim, à tragédia. Essa abordagem foi considerada escandalosa na época, fato é que aquele era um período essencialmente regulatório, com ideais e valores fundamentados no patriarcado e no conservadorismo, portanto, contrariava os costumes de uma sociedade que não aceitava o amor entre pessoas do mesmo sexo e muito menos a possibilidade de um homem negro desejar e amar um homem branco. Apesar de Caminha dar visibilidade a esse tema o tratando de maneira clara, o romance é escrito sob o olhar naturalista, portanto, as personagens estão presas às leis deterministas e a homossexualidade é encarada como uma espécie de patologia, desvio de conduta, vício ou perversão.

Este trabalho tem como objetivo analisar comparativamente essas duas obras, evidenciando como o Realismo e o Naturalismo construíram diferentes maneiras de representar, no Brasil do século XIX, as relações entre homens em um período que o patriarcado estruturava a organização social e a homossexualidade ainda era um tabu. Assim, são discutidas duas formas literárias distintas: o velado, presente em *Dom Casmurro*, e o explícito, presente em *O Bom Crioulo*, que, mesmo com diferentes estratégias narrativas, serviram como ferramentas para pensar a sexualidade, as normas de gênero e os conflitos de uma sociedade definida pelo conservadorismo, pelo racismo e pela desigualdade.

Para realizar essa análise, o estudo se apoia em diferentes áreas do conhecimento. Da crítica literária, mobilizam-se os estudos de Alfredo Bosi (2006), José Aderaldo Castello (1999) e Afrânio Coutinho (2023), que ajudam a situar as obras no contexto da literatura brasileira e na compreensão da distinção das duas correntes literárias. No campo da análise do discurso e da construção da personagem, serão fundamentadas as contribuições de Antonio Candido (2014) e Fiorin (2017) que auxiliarão na interpretação das relações entre linguagem, sujeito e ideologia. Por fim, a contextualização histórica e cultural das obras será feita com base nos estudos de

Caio Prado Júnior (1945), que ajudam a entender como a literatura dialoga com as transformações econômicas, sociais e políticas do Brasil oitocentista.

Ao final, defende-se que tanto *Dom Casmurro* quanto *O Bom Crioulo* têm sua importância ao revelar a forma do Brasil transmitido do século XIX para o século XX. As duas obras tratam da afetividade entre homens, uma de forma velada, para criticar uma sociedade que se sustenta em aparências e moralismos, e outra de maneira explícita, também como forma de confrontar a moral da época expondo tabus. Assim, mais do que histórias individuais, os romances de Machado de Assis e Adolfo Caminha se tornam documentos literários que refletem o Brasil de seu tempo, nos ajudando a entender melhor sobre o papel da literatura como instrumento de questionamento, denúncia e transformação do mundo.

A construção das personagens em relação ao tempo e espaço

Em um panorama histórico, o Brasil na segunda metade do século XIX foi marcado por duas grandes transformações: a abolição da escravidão e a transição do Império para a República. Essas mudanças mexeram profundamente com a estrutura social, econômica e política do país, afetando diretamente a maneira como as pessoas viviam, se organizavam e se relacionavam. Assim como explica Afrânio Coutinho (2023):

Na segunda metade do século XIX, os elementos sociais, econômicos e políticos que constituíam o arcabouço da civilização brasileira, a própria estrutura da sociedade, sofriam franca e radical transformação. De uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização burguesa e urbana, fase preparatória da industrialização, mas já formadora de um marginalismo populacional, senão de um pequeno proletariado urbano (Coutinho, 2023, p. 31).

Ou seja, o Brasil estava saindo de um modelo rural e escravocrata, dominado por grandes proprietários de terras, e começando a se tornar uma sociedade mais urbana, voltada para o comércio e, futuramente, para a indústria. No entanto, nada disso foi repentino, apesar do país ter começado a se apresentar como uma nação mais livre e moderna, ele ainda sustentava uma sociedade extremamente desigual ainda sendo regida por hierarquias e pelo conservadorismo. “Como se sabe, o regime

escravista continuou sendo, depois da abertura comercial e da independência política, o alicerce da ordem social brasileira” (Bosi, 1995, p. 284).

Em 1888, foi finalmente declarada a abolição da escravatura. O Brasil foi o último país do mundo a abolir oficialmente o trabalho escravo. Porém, essa liberdade veio sem garantia de direitos. Os ex-escravizados não receberam terras, indenizações ou qualquer forma de inserção digna na sociedade, pelo contrário, o trabalho no campo foi entregue aos imigrantes europeus, como parte de um projeto de “branqueamento” da população brasileira, o que deixa explícito o racismo estrutural. Isso criou uma multidão de pessoas pobres e marginalizadas pelo novo sistema:

A população livre mas pobre não encontrava lugar algum naquele sistema que se reduzia ao binômio "senhor e escravo". Quem não fosse escravo e não pudesse ser senhor, era um elemento desajustado que não se podia entrosar normalmente no organismo econômico e social do país. [...] A indústria nascente, para que o trabalho escravo se mostrará desde logo ineficaz, encontrará naqueles setores da população um largo, fácil e barato suprimento de mão de obra (Prado Jr, 1945, p. 209).

Esse recorte revela como a sociedade brasileira funcionava bem apenas para os donos do poder e da riqueza e futuramente, com a industrialização, os mais pobres seriam usados apenas como mão de obra barata.

No ano seguinte à abolição, em 1889, os militares tomaram o poder e proclamaram a República, colocando fim ao Império e passando por um processo de deslocamento do poder econômico e político para o Sudeste, com o surgimento da oligarquia do café e de uma burguesia industrial e comercial. Essa nova fase do país foi baseada nos ideais positivistas, especialmente na valorização da ciência, que começou a ser imposta como a única explicação para os problemas da humanidade. Portanto, toda aquela visão idealizada construída pelos românticos foi substituída por uma nova vida materialista e cientificista.

Com isso, a literatura também passou por mudanças, os sentimentos exagerados do Romantismo começaram a ser deixados de lado para dar lugar à duas correntes literárias: O Realismo e o Naturalismo, que buscavam por uma representação crítica da sociedade e do comportamento humano com base na razão e na observação empírica. Desse modo, as correntes de pensamento filosóficas e científicas que influenciaram os escritores foram: o Positivismo de Augusto Conte; o

Evolucionismo de Charles Darwin, o Materialismo Marxista; o Determinismo de Hippolyte Taine e, mais pra frente, as teorias psicanalíticas desenvolvida por Sigmund Freud. Assim, a construção das personagens no romance ganhou uma importante missão de trazer o conceito de verossimilhança trazida por Antônio Candido (2014, p. 51). “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização dêste”, ou seja, nas narrativas, é necessário que as personagens fictícias tragam em si a complexidade das personagens do mundo real. Ele afirma também que:

Os realistas do século XIX (tanto românticos quanto naturalistas) levaram ao máximo esse povoamento do espaço literário pelo pormenor, — isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada. A seguir fez-se o mesmo em relação à psicologia, sobretudo pelo advento e generalização do monólogo interior, que sugere o fluxo inesgotável da consciência (Candido, 2014. p. 61).

Uma das principais características do Realismo é justamente essa verossimilhança, os autores buscam através do detalhamento minucioso do mundo exterior (casas, roupas, cidades, instituições) e a exploração da psicologia das personagens (comportamento, pensamento, desejo, memórias) representar a sociedade mercantil, mostrando sem pudores o egoísmo, o adultério, a marginalidade e as relações de interesse que permeavam na época, como os casamentos por conveniência. No caso dos romances machadianos, o enfoque é dado na psicologia, em vez de se preocupar em descrever o ambiente com muitos detalhes, Machado de Assis prefere mostrar o que se passa na mente de seus personagens explorando sua subjetividade e privilegiando, como aponta Castello, “o homem e a sua condição existencial”.

Neste caso, a transformação mais substancial é exatamente a que decorre do amadurecimento da idéia [sic] de que o homem e a sua condição existencial importam muito mais do que a sua subordinação ao contexto social e condicionador em termos presentes. Quer dizer, o compromisso do homem com a sociedade deriva existencialmente de uma cadeia hereditária multissecular, de idéias [sic] e valores (Castello, 1999, p. 380).

Machado mostra em seus escritos como o ser humano é mais do que um reflexo direto da sociedade, também é fruto de uma longa história de valores e ideias que vêm sendo passadas de geração em geração. A narrativa de *Dom Casmurro* é

conduzida em primeira pessoa por Bento Santiago, um homem de classe média alta conhecido como Dom Casmurro, que, já idoso, decide escrever suas memórias como forma de “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.” (Assis, 2019, pp.14-13). O tempo, portanto, não é linear e cronológico, trata-se de um tempo psicológico e digressivo, guiado pelas lembranças do narrador, que avança e recua conforme os seus sentimentos e interesses, e, em certo momento, também demonstra incertezas: “Em verdade, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tenha vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias.” (Assis, 2019, p. 95), o que nos faz perceber a fragilidade de sua memória, intensificando mais ainda a ambiguidade do seu discurso. Ao longo da narrativa ele faz diversas interrupções para comentar, justificar, ou refletir sobre o que está contando, revelando não só a insegurança do personagem, mas também sua tentativa de controlar o leitor e conduzi-lo à mesma conclusão que ele deseja: a de que foi traído por Capitu. No entanto, quanto mais ele tenta convencer, mais dúvidas levanta, o que mostra que o tempo levantado é sempre falho, incompleto e parcial.

Já o espaço na obra é construído não apenas de forma física mas também psicológica, refletindo os estados afetivos e sociais que Bentinho atravessou ao longo da vida. Tudo se passa no Rio de Janeiro entre os anos de 1857 e 1874, sendo então ambientada durante o período do Segundo Império, sob o governo de Dom Pedro II. A elite carioca, da qual Bento faz parte, vivia em uma sociedade baseada nas aparências, na religiosidade e no patriarcado. O primeiro espaço importante é a casa da Rua de Matacavalos, onde ele viveu com sua mãe, D. Glória; José Dias, o agregado da família, e os seus parentes, Prima Justina e Tio Cosme. É um lugar de muito afeto e nostalgia, pois é associado à sua infância, à adolescência e ao início de sua história com Capitu, porém, também carrega traços da sua criação fruto de uma educação rígida, controlada por sua mãe, uma mulher religiosa que tira a sua possibilidade de escolher seu próprio caminho e impõe que tenha uma vida eclesiástica como cumprimento de uma promessa. Isso o leva ao segundo espaço que é o seminário, lugar de frustração e repressão de sentimentos, a separação forçada com Capitu e aproximação com outro seminarista, Escobar, coloca em xeque sua sexualidade e seus desejos por estar em um ambiente condicionado pela moral

religiosa. Posteriormente, ele vai estudar Direito em São Paulo, como era comum entre os filhos da elite da época. No entanto, essa etapa da vida não recebe grande atenção na narrativa, pois o foco está sempre no sentimento em relação à Capitu e ao amigo Escobar. Na vida adulta, o personagem retorna ao Rio de Janeiro e tenta se reconstruir casando com Capitu e formando uma família. Eles passam a viver no Engenho Novo, em uma casa que foi pensada como uma réplica da antiga, numa tentativa de recriar o passado:

[...] esta casa do Engenho Novo, nas dimensões, disposições e pinturas, é reprodução da minha antiga casa de Matacavalos. Outrossim, como te disse no capítulo II, o meu fim em imitar a outra foi ligar as duas pontas da vida, o que aliás não alcancei (Assis, 2019, p.103).

Como revela o trecho, a tentativa é falha pois apesar de fisicamente semelhante, não tem o mesmo significado afetivo. É no Engenho Novo que Bento passa a alimentar um ciúmes obsessivo em relação a Capitu e Escobar, e observar gestos, palavras, olhares, procurando sinais da suposta traição, tentativa que também é falha, pois nunca conseguiu provas reais, é um conflito que nasceu dentro dele mesmo, mais fruto da imaginação do que da realidade. Após a morte de Escobar e o nascimento do seu filho com Capitu, a suspeita se intensifica:

Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel (Assis, 2019, p. 189).

Este episódio levou-os à separação e ao exílio de Capitu com o filho na Europa. A partir de então, a casa começa a representar a ruína, e é onde Bento passa o resto de sua vida ressentido e solitário. Um lugar que deveria ser um recomeço vira o lugar do seu fracasso.

Escrito também no século XIX, *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, se difere de *Dom Casmurro* em diversos aspectos. Ela faz parte da corrente naturalista. Bosi afirma que “O Realismo se tingirá de Naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos se submeterem-se ao destino cego das leis naturais” (Bosi, 2006, p.168). Assim, o romance constrói seus personagens com base no determinismo e no evolucionismo mostrando como os instintos, o meio e a hereditariedade moldam o comportamento humano. A história é contada em terceira

pessoa por um narrador onisciente e objetivo, mas que, em diversas vezes, utiliza do discurso indireto para transmitir comentários, julgamentos e boatos que circulam os personagens e dar voz à opinião pública da época, especialmente quando se trata da relação entre Amaro e Aleixo, sem assumir diretamente essas falas. A narrativa se passa no Brasil pós-abolição, um período que, embora houvesse discurso de modernização e progresso, mantinha-se ainda o racismo estrutural e o autoritarismo, a população ex-escravizada foi rapidamente excluída de qualquer forma de inserção social digna:

Liberto, porém, já não sendo de ninguém, se encontrava só e hostilizado, contando apenas com sua força de trabalho, num mundo em que a terra e tudo o mais continuava apropriada. Tinha de sujeitar-se, assim, a uma exploração que não era maior que dantes, porque isso seria impraticável, mas era agora absolutamente desinteressada do seu destino (Ribeiro, 2015, p.175).

Amaro é a representação exata dessa situação. Ao tentar se reintegrar socialmente através da Marinha, uma instituição que simboliza a autoridade e a moral, encontra apenas repressão e punição. A própria escolha de Caminha de ambientar a narrativa nesse espaço militarizado não é aleatória, pois exerce perfeitamente a função de revelar o quanto o meio influencia ou mesmo determina o comportamento das personagens, situando eles em espaços que são opressivos: o navio, chamado “corveta Isabel” é descrito como um local de trabalho árduo e disciplina rígida, onde os marinheiros são submetidos a castigos físicos e vivem em condições precárias; o quarto na rua da Misericórdia representa uma liberdade ilusória, pois, quando Amaro consegue convencer Aleixo a morar com ele em terra firme, o espaço do quarto torna-se o único lugar onde eles podem viver o seu amor, porém sempre sob o risco de descoberta, o que causaria um escândalo. E, por fim, nas ruas do Rio de Janeiro, que aparece como uma cidade moderna, mas extremamente excludente, Amaro vaga por ruas, becos e estabelecimentos sem nunca se sentir realmente pertencente.

Além disso, a história segue um tempo cronológico linear, acompanhando toda a trajetória de vida do personagem desde o seu alistamento até o desfecho trágico de sua vida, seguindo uma sequência de causa e consequência e mostrando também o desequilíbrio crescente da mente de Amaro, à medida que seu ciúme por Aleixo se intensifica e seus impulsos tomam conta de sua racionalidade. O desfecho mostra

como, dentro da lógica determinista do romance, em uma sociedade racista e moralista, um homem negro, pobre e homoafetivo não tem espaço e nem saída.

O velado e o explícito dentro das relações

Em *Dom Casmurro*, a relação entre Bento Santiago e Escobar se apresenta, desde o início, marcada por uma intensa admiração mútua e por uma cumplicidade que vai além de uma simples amizade. Embora a narrativa machadiana nunca explicita um vínculo homoafetivo entre os dois personagens, são justamente as palavras e os gestos ambíguos que possibilitam múltiplas interpretações. Como afirma Meyer (2008), “Com Machado de Assis, entramos no regime das reticências e dos recalcamientos. Nada é simples nele, e não há nada, no melhor de sua obra, que se entregue de braços abertos à primeira leitura.” O ensaísta ainda diz que “[...] a sensualidade machadiana, aparentemente tão discreta, começa na penumbra de seus segundos planos e vai dar numa sombra insondável. Recalcada e por isso mesmo profunda, às vezes atinge o limite da morbidez”. Ou seja, todos desejos e afetos dos personagens são construídos de forma muito velada, a partir do que é sugerido e não dito.

Uma das primeiras impressões sobre o suposto “romance” que podemos encontrar é na passagem em que Bento conhece Escobar no seminário e o descreve de um modo “suspeito”.

Eis aqui outro seminarista. Chamava-se Ezequiel de Sousa Escobar. Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. [...] Esta dificuldade em pousar foi o maior obstáculo que achou para tomar os costumes do seminário. O sorriso era instantâneo, mas também ria folgado e largo. Uma coisa não seria tão fugitiva como o resto, a reflexão; íamos dar com ele, muita vez, olhos enfiados em si, cogitando” (Assis, 2019, p. 92).

E logo após, ele afirma:

A princípio fui tímido, mas ele fez-se entrado na minha confiança. Aqueles modos fugitivos cessavam quando ele queria, e o meio e o tempo os fizeram mais pousados. Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal” (Assis, 2019, p. 93).

Ele mostra que Escobar não entrou apenas fisicamente em sua vida, mas também conseguiu aos poucos conquistar sua confiança e afeição, passando a privar de sua intimidade e a trocar confidências com ele. O mais interessante é a referência do quintal, justamente o local de sua infância amorosa com Capitu, onde viveu suas primeiras descobertas do desejo, revelando que a mesma entrega que, outrora, foi dedicada a Capitu, agora, reaparece com Escobar.

Além disso, mesmo passados anos depois da morte de Escobar e das suspeitas de traição, Bento ainda consegue descrever seu amigo com muitos detalhes físicos, destacando a graça dos seus olhos e com palavras que transmitem uma certa admiração em seu rosto. Isso consegue se afirmar ainda mais quando, após uma ausência de Bentinho no seminário, Escobar faz uma visita à casa da família Santiago, causando uma boa impressão tão grande na família que é até convidado para o jantar. Em seguida, o narrador volta a descrevê-lo:

Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos; assim os definiu José Dias, depois que ele saiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta anos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do agregado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. [...] Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado. [...] desde que um de nós lho notou, um dia, no seminário; primeiro exemplo que vi de que um homem pode corrigir-se muito bem dos defeitos miúdos (Assis, 2019, p.113).

Tamanha é a admiração em seu rosto que Bento não é capaz de encontrar defeitos, nem mesmo aos olhos de seus parentes:

Em casa, ficaram querendo bem a Escobar; a mesma prima Justina achou que era um moço muito apreciável, apesar... Apesar de quê? [...] Não teve resposta, nem podia tê-la; prima Justina provavelmente não viu defeito claro ou importante no nosso hóspede; o apesar era uma espécie de ressalva para algum que lhe viesse a descobrir um dia; (Assis, 2019, p.113).

O fato de sua família ter o acolhido tão bem deixa o rapaz exultante: “Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse invenção minha.” (Assis, 2019, p.135) e, a despedida entre os dois depois do jantar é tão fervorosa ao ponto de atizar a curiosidade e desconfiança de Capitu.

Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão. Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou. — Que amigo é esse tamanho? perguntou alguém de uma janela ao pé. Não é preciso dizer que era Capitu. Viu as nossas despedidas tão rasgadas e afetuosas, e quis saber quem era que me merecia tanto (Assis, 2019, p.113).

O narrador não economiza em advérbios ou adjetivos ao contar os momentos em que eles viveram juntos, os dois se separaram “com muito afeto” e suas despedidas são sempre descritas como “tão rasgadas e afetuosas”, não há nada de estranho em amigos demonstrarem carinhos publicamente, porém, o fato é que isso não era comum entre homens daquela época, já que os valores eram sustentados pelo patriarcado e pela moral cristã, ainda mais dentro de um seminário, um espaço de regras religiosas. Inclusive, há um episódio no seminário em que Bentinho, após ficar entusiasmado com a habilidade de matemática de Escobar, que acabara de calcular, mentalmente, a renda da família Santiago, o abraça fortemente no pátio, o que causa estranheza entre os colegas e a repreensão de um padre.

Fiquei tão entusiasmado com a facilidade mental do meu amigo, que não pude deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou. [...] Escobar observou-me que os outros e o padre falavam de inveja e propôs-me viver separados. Interrompi-o dizendo que não; se era inveja, tanto pior para eles. — Quebremos-lhe a castanha na boca! — Mas... — Fiquemos ainda mais amigos que até aqui. Escobar apertou-me a mão às escondidas, com tal força que ainda me doem os dedos. É ilusão, decerto, se não é efeito das longas horas que tenho estado a escrever sem parar. Suspendamos a pena por alguns instantes... (Assis, 2019, p.138).

O gesto ter que ser “às escondidas” mostra que havia algo ali que não era considerado “normal” pelas regras daquele ambiente. Bento insiste em manter a amizade próxima, mesmo sabendo que os outros poderiam julgar: “Fiquemos ainda mais amigos que até aqui”, isso revela o quanto essa relação era importante para ele. Contudo, logo após eles darem as mãos, o narrador faz uma rápida intervenção, procurando dissipar qualquer conotação amorosa por trás do ato e nitidamente muda de assunto: “É ilusão, decerto, se não é efeito das longas horas que tenho estado a escrever sem parar. Suspendamos a pena por alguns instantes...”.

Além disso, ele tenta o tempo todo se provar como um homem heterossexual. O primeiro despertar sexual da personagem surge não dele, mas das palavras de

José Dias ouvidas secretamente, despertando nele um possível interesse na amiga. “Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo [...] Eu amava Capitu! Capitu amava-me!” (Assis, 2019, p. 29). Segue-se, então, para a cena do primeiro beijo, em que ao tomar consciência da própria sexualidade, se tranca no quarto e se reafirma por diversas vezes: “De repente, sem querer, sem pensar, saiu-me da boca esta palavra de orgulho: — Sou homem!” (Assis, 2019, p. 62). Há também, nos últimos capítulos, após enviar Capitu para o exílio na Europa e viver solitário já se apresentando como Dom Casmurro, Bento procura se expor, sexualmente falando, ao revelar que prostitutas frequentam sua casa usando metáforas nos termos de uma exposição de arte. Todas essas falas do narrador parecem forçadas, como se ele quisesse convencer os outros, e a si mesmo, de que seu desejo sempre foi pelas mulheres.

Para finalizar essa análise, destaque-se que outro sinal que levanta suspeita dessa relação é a fotografia de Escobar que fica no escritório de Bento, mesmo depois da morte do amigo. A foto está sempre à vista, como se ele quisesse manter Escobar presente em sua vida. Esse retrato funciona como uma lembrança constante, como se nunca tivesse deixado de o amar. Quando Bento e Capitu olham para a foto e depois para o filho, Ezequiel, que tem o mesmo nome de Escobar, é aí que ele começa a se convencer de que foi traído e que o amigo seria o pai de seu filho. Toda essa semelhança entre os dois e a desconfiança pode ser, na verdade, o reflexo de um ciúme guardado, de um desejo mal resolvido, de um sentimento que ele não entende direito ou não consegue assumir.

Em *O Bom Crioulo*, a homossexualidade é tratada de forma explícita. Amaro, o protagonista, é apresentado como um homem ex-escravizado que foge de uma fazenda na tentativa de mudar de vida se adaptando às normas da Marinha, onde busca reconstruir sua identidade. A imagem construída pelo narrador é de alguém que surge “do nada”, sem uma origem definida, carregando apenas uma trouxa nos ombros e usando roupas simples, o que já revela a marginalização que o personagem é submetido: “Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde metido em roupas de algodãozinho, trouxa ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru” (Caminha, 2019, p.16).

Ao entrar na Marinha, Amaro acredita que finalmente será tratado como igual: “Ele, o escravo, ‘o negro fugido’, sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser” (Caminha, 2019, p.18). O trecho a seguir também expressa bem essa sensação de pertencimento: “Depois, a liberdade, minha gente, só a liberdade valia por tudo! Ali não se olhava a cor ou a raça do marinho: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias – o mesmo serviço, a mesma folga” (Caminha, 2019, p. 18). Durante um tempo, ele se esforça para seguir as regras e provar seu valor. No entanto, com o passar dos anos, começa a se desiludir com a rotina pesada e a perceber que a igualdade prometida não se realiza, fazendo-o nunca ter saído de uma vida que já tinha antes: “Um pobre marinho trabalha como uma besta, de sol a sol, sem proveito, sem o menor proveito!” (Caminha, 2019, p. 23). É nesse momento que Aleixo entra na narrativa, sendo descrito como um jovem branco, de olhos azuis, traços finos e comportamento delicado, representante de uma classe mais livre e privilegiada.

A relação entre os dois começa a se desenvolver e Amaro descobre um novo tipo de desejo que até então desconhecia:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho (Caminha, 2019, p. 24).

Esse desejo é descrito como um impulso instintivo, imediato e inevitável, típico da visão cientificista naturalista que reduz o desejo a uma força biológica. O sentimento também é comparado à atração animal sugerindo uma inversão da “ordem natural”, já que, para os deterministas, a atração do animal macho para a fêmea é considerada “habitual” e a atração do animal macho para macho é considerada “desviante”.

O narrador também sugere, em forma de boato, que o comportamento de Amaro dentro da Marinha se transforma e o motivo do seu aborrecimento, e conseqüentemente, indisciplina, é o suposto envolvimento com o garoto: “Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder ‘o negro’; outros, porém, insinuavam que

Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dêz que ‘se metera’ com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis” (Caminha, 2019, p.23). O tom dos boatos mostra que a personagem começa a perder aos poucos seu prestígio diante dos marinheiros, revelando também que o comportamento da sociedade, diante de uma relação homoafetiva, era cercado de julgamentos. Outra prova que demonstra esse comportamento é na passagem em que, depois da primeira noite que passaram juntos, Amaro percebe com clareza que o seu desejo não é passageiro:

Onde quer que estivessem haviam de se lembrar daquela noite fria dormida sob o mesmo lençol na proa da corveta, abraçados, como um casal de noivos em plena luxúria da primeira coabitação... Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. [...] Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade [...] Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo (Caminha, 2019, p. 43).

A palavra “anomalia” descreve como o amor entre dois homens era visto como algo contra a natureza, algo vergonhoso. Quando descobre que Aleixo se envolveu com Carolina, uma ex-prostituta portuguesa que morava com os dois, Amaro entra em desespero. Ele se sente traído, humilhado e impotente. A relação, que antes havia sido um lugar de afeto, se transforma em obsessão. Ele, então, comete homicídio para se vingar do amante e, a partir daí, é oficializado como um marginal: é preso, e some escoltado no meio da multidão. Amaro tem um impulso para a libertação, mas, ao se apaixonar por Aleixo, é vítima de novo tipo de escravatura: a dos instintos. A escolha de matar o jovem é, paradoxalmente, a única forma em que encontra de exercer algum controle, mesmo que brutal, sobre a própria vida. Ele desejava ser livre, respeitado e amado, mas a sociedade lhe nega todas essas possibilidades, sendo, então, esse ato impulsivo a sua única liberdade possível.

Essa situação está relacionada ao contexto das Revoltas da Armada (1891-1894) especialmente ao lado dos marinheiros. Muitos viviam em condições degradantes nos navios, sofrendo violências tanto físicas, quanto psicológicas. A agressão que Amaro comete contra Aleixo pode ser entendida também como um reflexo da violência estrutural que ele próprio sofria. Ele é um sujeito violentado, que internalizou essa opressão e acabou por reproduzi-la.

Em uma análise comparativa do discurso nas duas obras, como aponta Fiorin (2017) em suas reflexões sobre a enunciação, é pela linguagem ou pela ausência dela que o sujeito se constitui. Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago é um narrador que tenta a todo custo construir uma imagem de si e controlar o discurso sobre sua própria vida. Ele possui poder de enunciação, ainda que esteja marcado por muita ambiguidade e censura. Contudo, Bento não consegue se enunciar como sujeito de desejo. Sua afetividade por Escobar é reprimida pela masculinidade heteronormativa, onde “homem não ama homem”, não chora, não se permite ser vulnerável. O seu afeto por Escobar, ainda que presente em diversos gestos, é silenciado pelo discurso que ele mesmo manipula. Esse conflito entre o que se sente e o que é permitido se insere perfeitamente no que aponta Michel Foucault (2009) em *História da Sexualidade*. “A sexualidade que não tem voz, não tem palavra, não deve ser sequer discursivizada”. Para ele, o poder não atua apenas por repressão, mas também por controle do discurso, definindo o que pode ou não ser falado, silenciando determinadas formas de existência, entre elas, a homossexualidade. Assim, o desejo entre os dois torna-se um “não dito”.

Enquanto isso, em *O Bom Crioulo*, Amaro, embora não tenha voz narrativa, tenta existir como sujeito do desejo dentro da ação, vivendo uma afetividade real e concreta, mas, no fim, é punido por isso. Uma das características que torna este romance único é que seus protagonistas não pertencem às elites da sociedade brasileira. São homens do mar, ex-escravizados ou filhos de família pobre, todos à margem, que enxergam na vida militar uma possibilidade de ascensão na vida. No entanto, essa possibilidade de um futuro melhor logo se desmancha, ao perceberem que estão diante de um ambiente opressor, que sufoca a autonomia e fere a liberdade de escolha dos indivíduos.

Considerações Finais

Por fim, conclui-se que tanto *Dom Casmurro* quanto *O Bom Crioulo* têm sua importância ao revelar vestígios do Brasil do século XIX para o século XX, especialmente a forma como se tratava a afetividade entre homens. As duas obras mostram, cada uma da sua maneira, como a homoafetividade era vista como ameaça

e como a linguagem, seja pela presença ou pela ausência, marca o destino trágico de quem ama fora das normas. *Dom Casmurro* trata essa afetividade de modo velado, por meio de gestos, silêncios e ambivalências que sugerem um vínculo profundo entre Bento e Escobar, sem jamais explicitá-lo. Essa escolha narrativa evidencia uma crítica sutil à sociedade do Segundo Império, marcada pelo moralismo religioso e pelas relações de aparências. Já *O Bom Crioulo* expõe essa afetividade de maneira explícita, colocando no centro da narrativa a relação entre Amaro e Aleixo, com cenas que descrevem aproximação entre os personagens de forma direta, o desejo é vivido, mas termina em tragédia, como uma forma de castigo, mostrando como a sociedade impõe limites a quem tenta viver fora das regras da heteronormatividade. Assim, ambas as obras, ao demonstrarem as diferentes relações, revelam a literatura como espaço de resistência e de denúncia das normas que cercam a liberdade dos afetos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Prefácio de Ana Maria Haddad Baptista. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMINHA, Adolfo. **O bom crioulo**. Ilba Mendes Editor Digital, n. 169, 2. ed. São Paulo, 2019.

CANDIDO, Antonio (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 363-414.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era realista e era de transição**. 1. ed. São Paulo: Global, 2023. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2006. p. 173-242.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 jun. 2025.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, set./dez. 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MEYER, Augusto. “Da sensualidade”. In: **Machado de Assis (1935-1958)**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2008.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Volume II: Realismo e Simbolismo. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2016.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10012783&parte=1>. Acesso em: 25 jun. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.